

FACON - FACULDADE DE CONCHAS  
Polo A CASA TOMBADA

Maria Marta Mesquita de Faria

JEQUITIBÁ E O PERCURSO DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS

São Paulo - SP

2019

Maria Marta Mesquita de Faria

## JEQUITIBÁ E O PERCURSO DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS

Artigo apresentado como requisito para a aprovação no Programa de Pós-Graduação Lato Sensu **A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: abordagens poética, literária e performática**, sob a orientação do Prof. Dr. Giuliano Tierno.

São Paulo - SP

2019

JEQUITIBÁ E O PERCURSO DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS

Maria Marta Mesquita de Faria

## Índice

1. Velho pai: raízes	p. 4
2. Buscando caminhos	p. 7
3. Mergulhar. Pousar. E novamente voar. Os mistérios da arte da palavra	p. 10
4. "O fragmento da narrativa é uma narrativa" Jacob Klintowitz	p. 18
5. Histórias são como sementes: o ciclo da vida	p. 21
6. "Me ajuda a olhar!"	p. 22
7. Bibliografia	p. 24

## Resumo

JEQUITIBÁ é um relato afetivo do percurso de uma aprendiz em contação de histórias, em sua preparação para o exercício do ofício. Tomando o conto de tradição oral “O Sonho de Ismar” como metáfora da trajetória de um(a) contador(a), a autora conversa com autores como Jorge Larrosa Bondía, Regina Machado, Gilberto Safra e Byung-Chul Han, entre outros, e com sua experiência clínica pessoal, para abordar aspectos teórico-metodológicos que considera fundamentais no processo de preparação do contar histórias. A autora relata o fazer cotidiano do grupo de contadores ANTIGAMENTE ERA ASSIM e conclui que preparar-se para a narração de uma história e a escuta dos relatos em situação clínica são tarefas inseparáveis e indispensáveis, que resgatam o sentido de comunidade e a experiência do si-mesmo.

## 1. Velho pai: raízes

No momento em que inicio este artigo, meu pai prepara sua partida. Curiosamente, entre uma ida e outra ao hospital, cansada, fui caminhar num bosque próximo da minha casa, como sempre fazia desde que mudei para este bairro.

Mas, naquela tarde, uma visão repentina paralisou meus pés no meio da trilha: o velho jequitibá, a árvore centenária do bosque do meu bairro, havia sido derrubado. Fatias grossas do seu tronco ainda permaneciam ali jogadas, enquanto outras foram transformadas em bancos, que eu pude ver depois, numa clareira pouco acima.

Por muitos anos, o jequitibá foi meu confidente. Eu o elegi assim e, encostada em seu tronco, confidenciava aflições e medos, conversava, e ouvia, sim, é isso mesmo, ouvia suas respostas, conselhos e mesmo pitos. Encontrava ali um descanso precioso, cheio de silêncios e respostas. Um ritual semanal que atravessou anos, desde que me mudei, com meus tres filhos, para esta casa.

Aquela árvore gigantesca sabia muitas coisas! Para mim, era o chefe da tribo, o rei de todas as árvores de todos os bosques, o meu xamã conselheiro, o sábio de todas as experiências! Abraçada a ele, eu podia sentir sua sabedoria e a profunda calma daquilo que é permanente, apesar de toda adversidade.

Abracei o toco que havia sobrado (que agora mais parecia uma mesa larga) e fiquei ali, parada, procurando razões, me sentindo usurpada, sem lugar. Na mesma semana em que meu velho quase se foi, me roubam meu jequitibá... Estava atônita: o que a vida estava me dizendo, naquele momento?

Meu pai foi meu primeiro grande contador de histórias. Nascido e criado na roça, perto de uma cidadezinha no noroeste de São Paulo, mais tarde selecionador de algodão, ele venceu muitos desafios até fazer um curso superior e desgarrar-se da família, se aventurando numa cidade maior, operária, para ganhar a vida com seu trabalho.

Dele herdei a carda com que ajudava sua mãe a desfiar a lã dos carneiros para fazer os acolchoados da família (com ela, mais tarde, fiz muitos bonecos de lã pura).

Foi ele que me ensinou o humor diante da nossa humanidade. Personagens como o frei Maquininha (um velho frei da cidade, que andava sempre muito rápido), a Maria Lava-pau (que lavava bem a lenha que alimentaria o fogão), a mulher rejeitada que matou seu pretendente com bolinhos de vidro moído servidos no café da tarde...e tantos outros que habitavam seu imaginário e nos contavam de nossas origens.

Ainda vivi um pouco dessa vida caipira quando criança: a família reunida em torno da pamonha, quando a colheita do milho era farta; minha avó fazendo sabão de cinzas; a bucha crescida na cerca durando meses na banheira; correr das garrafadas de arnica e outros remédios caseiros arditos, quando nos machucávamos; sair para catar gabiroba no mato e ter a sorte de chupar a melhor manga sem fiapo do mundo, fruto dos enxertos do meu avô. Tantas e tantas habilidades numa vida auto-sustentável!

Meu pai nunca parou de contar histórias. Com o tempo, elas foram ganhando detalhes e novas colorações, como lanternas penduradas numa velha árvore, para lhe dar mais encanto e visibilidade. Cresci com as histórias das lutas para expulsar os últimos índios, para garantir a posse das terras, e de como o governo acabou com a fazenda construindo duas rodovias que a atravessaram como um xis. Mas a cidade grande, operária, o engoliu num ritmo doentio de trabalho. Nos distanciou, nos afastou, nos comprou, nos adoeceu, num processo que apenas nas últimas décadas começou a ser melhor estudado por sociólogos, psicólogos, filósofos e comunicadores sociais.

Sempre tive orgulho da minha origem caipira. Anos depois, adulta, com os três filhos ainda pequenos, era eu quem buscava ganhar a vida, numa cidade maior ainda: São Paulo. E era no tronco do jequitibá que eu me sentia filha: podia chorar, me queixar, me abrir, rir...voltava pra casa restaurada. Como se tivesse, eu também,

me enraizado através da sua presença magnífica, recobrando o sentido da minha vida, do meu fazer diário, das minhas escolhas. Voltava apaziguada.

Mas, naquela tarde, depois do hospital, eu não conseguia sair da frente daquele toco do jequitibá. Eu estava atônita.

## 2. Buscando caminhos

Em dezembro de 2014, terminei o curso de pós-graduação em A Arte de Contar Histórias <sup>1</sup>. Desde então, não consegui escrever meu TCC. Não foi o primeiro nem o último curso de contação de histórias que fiz, mas, depois dele, precisei ainda outros quatro anos para começar a entender de que se trata esse universo tão rico, tão mágico, tão abrangente, que é a arte da palavra! Seis anos - e muitos ainda virão - para compreender a minha relação pessoal com os contos.

Por que conto? O que conto? Como conto?

Por que contar, ainda hoje? Para quem contar? Para quê, afinal, contamos?

Seis anos, pelo menos, para começar a entender a força do narrar em minha vida, passando pelas histórias de meu pai, pelas histórias da tradição oral de vários cantos e pelas histórias narradas diariamente em meu consultório de psicoterapia.

Pessoas se narram, pessoas precisam narrar. E isso só acontece com a presença autêntica de alguém, que se disponha a ouvi-la ativamente. Nem sempre as narrativas têm começo, meio e fim; às vezes são apenas fragmentos, poucas palavras, entremeadas por silêncios, gestos, outros dizeres.

Nesses anos, em que refletia, por um lado, sobre as histórias da tradição oral e, por outro, sobre o cotidiano da clínica, buscando conexões possíveis entre tão diferentes narrativas, bem como relações entre essas duas cadeiras que ocupo, a de psicoterapeuta e a de contadora, tive o privilégio de participar de um grupo de estudos coordenado pela professora e contadora brasileira Regina Machado, o grupo Anticamente Era Assim.

Este grupo, criado há mais de quatro anos, se propõe a investigar o vasto e misterioso universo das narrativas de tradição oral, por meio de pesquisas,

---

<sup>1</sup> Pós-graduação Lato Sensu A Arte de Contar Histórias: abordagens poética, literária e performática. Coordenação: Prof. Dr. Giuliano Tierno. FACON - FACULDADE DE CONCHAS, polo A CASA TOMBADA.



exercícios, partilha de experiências, reflexões sobre espetáculos assistidos e, é claro, organização de cursos e apresentações.

Os encontros do grupo são permeados por longos debates e também por leituras dos muitos pesquisadores desta arte milenar e são alinhavados por uma ação constante, que é a preparação das histórias para serem narradas. Este preparo implica em uma prática que se inicia com perguntas como:

O que me faz escolher uma determinada história para contar?

Como essa história ressoa em mim? Como me toca?

Que diálogos estabeleço com a história, a partir da minha própria vivência?

Como veremos adiante, estas perguntas iniciais representam, não uma técnica, mas uma escolha metodológica, um posicionamento com relação ao papel da narrativa de tradição oral e sua importância no mundo hoje.

Nesses quatro anos que se seguiram ao término da Pós-graduação, um mergulho muito profundo foi feito. Mas - é preciso que se diga - entre os muitos mestres que tive nesse período, um deles foi fundamental para o encontro da contadora dentro de mim: o elemento contemplativo. A pausa. A contemplação. Esse estado inusual, quando muito acessório da produtividade, que me arrancou de vez do imperativo do fazer, da ação, e ampliou definitivamente o espaço sagrado grandioso da receptividade e da escuta - temas mais do que caros tanto aos contadores quanto aos terapeutas. Sobre isto, também falaremos mais à frente.

Preparar uma história - o tema deste artigo - é viver uma experiência. É uma escolha que implica um outro uso do tempo, um tempo não abreviado, uma ausência de expectativas. Essa vivência desses últimos anos tem alargado o meu horizonte de aprendiz de contadora, como também tem trazido contribuições importantes ao meu ofício de psicoterapeuta.

O objetivo deste artigo é relatar esta experiência, a partir da preparação de uma história escolhida - O Sonho de Ismar -, os aprendizados que ela me trouxe,

fazendo, ao final, pequenos alinhavos entre ela e o fazer do psicoterapeuta, como eu o vejo no mundo atual.

Além das falas generosas dos professores da Pós e dos membros do grupo Antigamente Era Assim, me acompanharam neste percurso, principalmente, escritos de Walter Benjamin, Gilberto Safra, Regina Machado e Byung-Chul Han.

Outros escritores estiveram muito presentes, no começo dessas reflexões: Dewey, Simone Weil, Antonio Cândido, Luiz Fuganti e Christian Dunker. A questão do enraizamento, discutida por eles, sob diferentes olhares, é um tema importante para mim, que demandará, no entanto, novos e profundos mergulhos.

### **3. Mergulhar. Pousar. E novamente voar. Os mistérios da arte da palavra**

Há muitos anos atrás, talvez mais de trinta, conheci uma mulher que tinha o dom de contar histórias.

Num saguão aberto da USP, no intervalo de um evento, na frente de uma pequena mesa onde havia uma velinha acesa, ela manuseava no ar lenços de cores diferentes, que mudavam de acordo com a paisagem do conto. Sua voz e suas mãos me levavam para um outro espaço, um outro tempo e eu podia ver à minha frente ilhas, mares, continentes desconhecidos, tecelões, fabricantes de mastros e uma jovem que buscava seu destino. O conto era Fátima, a fiandeira, e a contadora era Regina Machado.

Trinta anos depois, sentada no chão de uma sala abarrotada de alunos da Pós-graduação, eu ouvia a mesma história, com a mesma contadora e a minha vivência era igualmente tocante.

“Que magia era aquela que fazia silenciar uma audiência, enquanto caravanas atravessavam cidades empoeiradas e se podia sentir, no próprio coração, a aflição de um casal de velhos esperando, à meia-noite, a batida do diabo à porta?”, eu pensava.

“Que encantamento havia nos gestos poucos e precisos e na voz daquela contadora - e de tantos outros bons contadores que já tive a oportunidade de ouvir - que era capaz de nos levar junto, numa viagem ao mesmo tempo para tão longe e para tão dentro de nós?”

“O que havia ali que fazia com que a história produzisse tal efeito e nos atravessasse de tal maneira que, ao final dela, já não éramos mais os mesmos?”

Movidas por estas e muitas outras questões, iniciamos, em 2017, no grupo Antigamente Era Assim, uma pesquisa com o que foi chamado “histórias do coração” - um estudo aprofundado para a preparação de contos escolhidos individualmente,

ancorado nas reflexões grupais. A proposta era a de preparar uma história para a narração, levando em conta alguns fundamentos importantes que dão sentido e propósito determinados à arte milenar de contar histórias.

“Estudar uma história é primeiramente buscar compreender o que essa história ressoa em mim. Não é buscar sua essência ou interpretá-la segundo esta ou aquela teoria”<sup>2</sup>. Assim expressava Regina na conferência daquela manhã nos fazendo ver que, a começar da escolha da história em questão, já estamos colocando em ação, em ex-posição, em relação, o nosso mundo interior.

Preparar uma história para contá-la seria abrir-se a uma experiência totalmente nova, iniciar uma viagem sem saber aonde ela iria dar, propor-se um trabalho arqueológico sem perder o prazer de voar. Minha história escolhida - O Sonho de Ismar<sup>3</sup> - curiosamente falava dessa viagem em busca de um tesouro sonhado e desejado, que estava, ao final, muito longe e muito perto.

Ismar se lança numa busca que o fará conhecer paisagens e situações totalmente novas e que, por sua vez, o devolvem para o coração do seu próprio quintal, o seu território mais conhecido, de onde ele havia saído. Com certeza, ao final, quando encontra o seu tesouro, na volta da viagem, Ismar já não é o mesmo. Não seria justamente esta a metáfora do contador?

“Narrar é compartilhar experiências”<sup>4</sup>. Se, como diz Benjamin neste artigo célebre, ao narrar compartilhamos experiências, qual é a experiência possível ao contador? Como nos colocarmos em posição de viver uma experiência, ao entrarmos em contato com a história? Como escapar do contato rápido com a história, da mera memorização da sequência de ações? Como permitir um mergulho mais profundo na experiência que a história nos propõe?

---

<sup>2</sup> Conferência proferida por Regina Machado aos alunos de pós-graduação do polo A Casa Tombada, em 2015. Anotações pessoais.

<sup>3</sup> PAMPLONA, Rosane. “O Sonho de Ismar”. In: \_\_\_\_\_. NOVAS HISTÓRIAS ANTIGAS. Contos. São Paulo: Brinque-Book. 2006. pp 7-10.

<sup>4</sup> BENJAMIN, Walter. “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense. 1994, pp. 197-221

O pedagogo Jorge Larrosa Bondía, em conferência na Unicamp em 2001, fez uma síntese interessante sobre como o homem moderno se relaciona com aquilo que lhe acontece. Falando da experiência e da distância entre esta e a informação, ele diz:

“Walter Benjamín, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar, pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, ela é uma anti-experiência. (...) a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência”<sup>5</sup>.

Juntando- se a esta necessidade imperiosa de informação (também confundida com conhecimento), está a arrogância da opinião. Diz Bondía:

“o sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. (...) no entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça”<sup>6</sup>.

E experiência, como o autor define, “é o que **nos** passa, o que **nos** acontece, o que **nos** toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. A cada dia, se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”<sup>7</sup>

Tendo estas palavras como guias, o contato com a história do coração tornou-se para mim uma trajetória longa, sim, mas curiosa, provocativa, instigante, às vezes difícil e cheia de obstáculos. Como na viagem de Ismar.

---

<sup>5</sup> BONDÍA, Jorge Larrosa. NOTAS SOBRE A EXPERIÊNCIA E O SABER DA EXPERIÊNCIA. São Paulo, 2001. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, Departamento de Linguística, traduzida e publicada em julho de 2001, por Leituras SME.

<sup>6</sup> Ibid.

<sup>7</sup> Ibid.

Aqui, mais uma vez Regina Machado, nos conduz. “A primeiras impressões são muito ricas pois cada um escuta a história de um lugar. Eu vou aprender a contar histórias conversando dentro de mim, com o que está dentro de mim, com o que já tenho e a própria história, o que ela me diz. E, no final, fica uma coisa só, eu e a história”<sup>8</sup>.

Para fazer este percurso de habitar a história, muitas ações foram realizadas. Me diverti pesquisando esses países, suas histórias, suas geografias, seus costumes, suas línguas, sua escrita. Como eram as casas dos povos desses lugares? Como viviam? Como se vestiam? Que belezas posso encontrar Que imagens construo? Como é a casa de Ismar, que eu imagino? Os móveis, o seu quarto? Como seria viver, fazendo pequenos serviços à vizinhança, buscando água, consertando cercas? Como seria uma viagem a pé, da Turquia ao Egito, de Damasco ao Cairo?

Ao mesmo tempo em que perguntava ao conto, estava atenta a quê, disso tudo, de fato me tocava, e como me afetava, esteticamente, poeticamente.

Muitos exercícios interessantes aprendi e pratiquei com o grupo Antigamente Era Assim, exercícios que não são desconhecidos para muitos contadores: dançar a história, cantá-la, contar sem palavras, apenas com as mãos, contar para um objeto especial da minha casa... exercícios que permitem habitar mais e mais a história e descobrir nuances antes não percebidas. Um deles, que me agrada muito e me ajuda a ancorar a história é o da criação de espaços imaginários. Usando as mãos, os gestos, no espaço físico em que me encontro, visualizo a casa de Ismar e escolho um ambiente: onde está seu quarto? De que material são feitos os móveis? Qual a história desses objetos? Onde está a cama? O que tem ao lado dela? Uma pequena mesa com uma lamparina?

Assim, vamos andando e imaginando esse espaço, nos relacionando com ele. Antes de deixá-lo, escolhemos um objeto especial deste ambiente e o trazemos conosco.

---

<sup>8</sup> MACHADO, Regina. Conferência citada.

Este exercício singelo ensina algo importante sobre a relação entre o contador e o conto.

Ao comentar o conto em que o jovem Chu é apresentado a um quadro magnífico e acaba entrando nele e fazendo um percurso repleto de significados, Regina Machado nos diz:

“o contador de histórias, como Chu, também recebe o aventureiro convite do conto para passear pela sua paisagem. Por meio desse passeio, também se transforma. Deixando-se conduzir pelas imagens do conto e pela disposição amorosa de encontro com o desconhecido, percorre ao mesmo tempo a paisagem de suas imagens internas. A experiência da história, assim como a apreciação estética do quadro, é singular e inquestionável; depende do momento da história pessoal de cada espectador e é sempre uma conversa entre dois reinos de imagens: o reino de imagens presente na obra de arte e o reino de imagens que constitui a experiência de mundo de quem entra em contato com essa obra”<sup>9</sup>.

Em minha vivência pessoal, os sonhos ocupam um lugar mais do que especial. Os sonhos e o viajar são assuntos essenciais, dois lados da mesma moeda, dois caminhos de autoconhecimento, que ampliam e enriquecem. Os sonhos são guias ao que se passa em nosso interior, pontes para o inconsciente, que revelam e dialogam com a complexidade que temos dentro de nós, que nem sempre ou quase nunca abarcamos.

O conto O Sonho de Ismar, encontrado nas narrativas de povos diferentes, em diferentes épocas, traz ainda o sonho como revelador daqueles anseios mais profundos de nossas almas, nem sempre conscientes aos nossos eus-cotidianos.

Ainda como parte do processo de preparação, no campo da experiência com a história, passamos a contá-la repetidas vezes. Parece que a história do coração pede para ser contada!

Para cada pessoa, é uma história diferente que chega. Para cada um, o sonho é vivido de uma maneira. Vi, com grata admiração, numa festa de noventa

---

<sup>9</sup> MACHADO, Regina. ACORDAIS. Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004. pp 41-42

anos, alguns idosos chorarem quando Ismar chega no Cairo e não encontra seu tesouro...e baterem palmas emocionados quando o personagem ouve o sonho do mendigo. Reação muito diferente percebi num grupo de jovens que me ouviam no intervalo de uma apresentação de MPB. Ou contando para crianças, numa reunião familiar. Como exercício, fiz a experiência de contar para as árvores, numa trilha em São Francisco Xavier e fiquei grata com o interesse que elas demonstravam. Não foi mesmo quando contei para as casas nas ruas do Sumarezinho: continuaram fechadas e sisudas.

A preparação de um conto é um longo aprendizado que pode ser encontrado em detalhes nos primeiros capítulos do livro ACORDAIS. No entanto, necessita ser vivido. Entendendo que os personagens expressam simbolicamente qualidades humanas, em situações e desafios humanos, tal estudo tem como eixo fundamental manter viva a estrutura da história, com seus elementos principais e suas imagens vivas, assim como entregá-la de uma forma aberta e ampla, para que ela pouse livremente no imaginário de cada um que a escute, fazendo-o viajar pelo seu mundo interior e podendo se conectar com essas qualidades humanas, tal como elas existem em sua própria experiência.

Se eu pudesse resumir a minha experiência-aprendizado com este conto, eu usaria a palavra “vulnerabilidade”. Colocar-se em posição de vulnerabilidade para aprender com a história. E, depois de toda a preparação, você não sabe o que vai acontecer, como o ouvinte vai receber, como ressoará nele a sua história, contada. Essa vulnerabilidade é importante, a incerteza é importante, poder se surpreender de novo a cada vez, é uma postura que possibilita uma situação em que o outro, ao escutar, possa recebê-la livremente e, ao mesmo tempo, co-criá-la com suas próprias imagens interiores.

O desafio que implica essa relação com o conto é enorme, numa época que apela fortemente para a performatividade, a informação, a opinião, o resultado, o produto, a ação. O “sujeito do desempenho”, protagonista da “sociedade do cansaço”, descrita pelo filósofo Byung-Chul Han, em ensaio de mesmo título <sup>10</sup>, é

---

<sup>10</sup> HAN, Byung-Chul. SOCIEDADE DO CANSAÇO. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.



hiperativo, ultra informado, impulsionado constantemente por suas próprias metas e está, por isso mesmo, excessivamente esgotado e doente psicologicamente.

A esse cansaço solitário, calado, cego da “sociedade do desempenho”, contrapõe-se um cansaço reconciliador e restaurador.

“O cansaço enquanto um “mais do menos eu” abre um *entre*, na medida em que afrouxa as presilhas do eu. (...) O *entre* é um espaço de amizade, como in-diferença, onde “ninguém ou nada domina” ou sequer tem domínio. No tornar-se menos do eu, desloca-se o peso do ser do eu para o mundo. É um cansaço que confia no mundo. Ele abre o eu, torna-o permeável para o mundo. Restabelece a dualidade. A gente vê e é vista. A gente toca e é tocada. (...) O menos no eu se expressa como um mais para o mundo”<sup>11</sup>

O autor, neste ensaio, quando fala desse cansaço legítimo que rebaixa nosso ego hiperativo, coincide com Walter Benjamin, na alusão que este faz ao tédio profundo como ponto alto do descanso espiritual e fundamental para o processo criativo<sup>12</sup> Esse estado, que é o contrário da economia da eficiência e da aceleração, traz de volta a admiração, a contemplação e a escuta, possibilitando o encontro com o outro. “Na experiência, encontramos o *outro*. Esses encontros são transformadores sim, nos modificam”<sup>13</sup>.

De uma forma ainda mais clara, diz Larrosa:

“ A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismos da ação, cultivar a atenção é a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> Ibid, p. 72

<sup>12</sup> BENJAMIN, W., op. cit.

<sup>13</sup> HAN, Byung-Chul, op. cit., p. 84.

<sup>14</sup> BONDÍA, J. L., op. cit., p. 9

Este foi o meu maior aprendizado e é o meu desafio constante neste percurso de aprendiz de contadora de histórias. Pausar, contemplar, silenciar. Permitir ser afetada pelas imagens do conto, entrar em relação com ele. Para que este estado seja criado no momento de contar uma história, é preciso que eu mesma, no meu cotidiano, tenha condições vivê-lo. Acalmar as inúmeras vozes exteriores e interiores que querem me tomar: a voz da rapidez e da pressa, mas também a voz da crítica, a da ansiedade, a da expectativa, a do desejo de agradar ou de infinitos outros desejos... Ser livre para arriscar-me, como fez Ismar, e poder me surpreender uma vez mais com a mesma história contada em diferentes encontros.

#### 4. "O fragmento da narrativa é uma narrativa"

**Jacob Klintowitz**

Já contei histórias muitas vezes no espaço clínico.

As histórias do coração que me habitam, ocasionalmente pedem para ser contadas, em determinadas situações de uma psicoterapia. Observo que elas chegam até o outro como uma bebida preciosa que se despeja dentro de um cálice. O cálice a recebe gentilmente e se nutre com aquele alimento para a alma.

No entanto, os cálices não são iguais. Têm desenhos e formatos diferentes, cores e texturas diversas. Cada um tem uma história, uma origem, o estilo de uma época. Uns trazem pequenas fissuras, outros grandes trincas. Há mesmo os que chegam quebrados, sem pé, com a beirada lascada ou desbotados por ficarem guardados muito tempo, sem uso. E há também os de cristal finíssimo, delicados e raros.

Observo que, em cada um deles, a história vai ser recebida de uma maneira diferente. Mas todos a recebem e saboreiam. Para que isto aconteça, é preciso que ela seja doada mansamente, num ambiente preparado, sem inflexões excessivas de voz ou de gesto, sem acessórios dispensáveis. Com energia, sim, mas deixando-a livre para o encontro com cada cálice - encontro que pode ser muito diferente daquele que eu mesma tive com ela.

As narrativas de tradição oral desde sempre têm sido usadas como recurso educacional ou terapêutico. No entanto, quando colocamos uma intenção dirigida a um determinado resultado, seja moralista ou mesmo o de curar algo que nos parece rompido, elas simplesmente não funcionam. O resultado é o contrário do que se almeja: um distanciamento desconcertante entre aquele que conta e o que ouve, um silêncio constrangedor. Muitos de nós já passaram por isto.

A clínica psicoterapêutica é um espaço delicado, sigiloso, íntimo. Um espaço necessariamente aberto, onde existe a possibilidade de um narrar-se, enquanto e uma vez que exista ali uma outra pessoa capaz de oferecer sua presença genuína.

Talvez porque tenhamos perdido os rituais sagrados coletivos, a vida cotidiana em comunidade, a presença diária dos mais sábios, as rodas de história nos ensinando a vida, talvez por isso a figura do terapeutas se faz hoje tão necessária.

Mas, como fazer, se o próprio espaço clínico está contaminado por essa forma atual de viver em sociedade, acelerada e eficientista? Se o próprio terapeuta não cultivar em si esse estado mais pausado e contemplativo, que falávamos acima? Como fazer, se a própria terapia é oferecida como uma mercadoria em muitos casos, e oscila entre uma intimidade inadequada ou um distanciamento exagerado que não promove o encontro?

Gilberto Safra, psicanalista e professor, em seu livro DESVELANDO A MEMÓRIA DO HUMANO: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio, aponta para o desenraizamento e o adoecimento na sociedade atual, que se reflete também na clínica. Refletindo sobre a atualidade do ensaio O Narrador, de Walter Benjamin, ele diz:

“A experiência é aspecto fundamental na clínica contemporânea pois observamos com frequência, na atualidade, a impossibilidade das pessoas poderem ter uma experiência. Nossos analisandos chegam aos consultórios sem a possibilidade de experimentar e sem a capacidade de narrar o vivido. Para que uma pessoa possa experienciar e narrar, é necessário que esteja enraizada em uma comunidade pois é a presença do Outro que possibilita a sua constituição, ofertando-lhe um si mesmo”<sup>15</sup>.

Subjacente às formas contemporâneas de adoecimento (ausência de si mesmo, solidão, não-pertencimento, mal estar infinito e o pânico), continua Safra, “encontra-se o anseio pelo encontro com o Outro. Um Outro que seja raiz e que de alguma forma possibilite que a pessoa possa encontrar a oportunidade de pertencer, de comunicar, de conviver, a fim de que possa novamente iniciar-se. (...) O trabalho clínico encaminha-se a fim de que a possibilidade de a pessoa narrar a sua história possa vir a acontecer”<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> SAFRA, Gilberto. DESVELANDO A MEMÓRIA DO HUMANO: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio. Edições Sobornost. São Paulo: Resposta Editorial, s/d

<sup>16</sup> Ibid, p. 27.

Para que isto aconteça, o único caminho é que o analista possa, ele mesmo, narrar-se. Não é interpretar, como diz Safra! Estar presente, naquele momento, inteiramente, com sua própria experiência, “para que o analisando possa vir a experimentar a presença do Outro-raiz que, de alguma forma, lhe possibilite o acesso ao pertencer e à experiência do reconhecimento de si”<sup>17</sup>.

Essa exposição nos coloca, profissionalmente, num lugar de profunda responsabilidade para com aquele que se encontra à nossa frente. Oferecer-se ao outro, oferecer-se ao relacionamento, com sua real experiência, o seu saber, assim como com sua própria fragilidade e fraturas. Oferecer-se vivo e verdadeiro.

Neste caminho, o estudo dos contos e a vivência no grupo Antigamente Era Assim, abrem para mim duas grandes veredas. Por um lado, os próprios contos como ferramentas de imenso poder curativo integrador. Por outro, a qualidade amplificadora do estudo e da vivência com as histórias, que alargam meus espaços interiores e me permitem estar mais próxima do outro, a partir do reconhecimento da minha própria humanidade.

Presenciei longos silêncios depois de contar o Barba Azul ou A Mulher dos Três Ovinhos. Conversas longas se iniciaram após o conto-moldura das Mil e Uma Noites. Da mais sórdida à mais sublime, os contos de tradição oral falam das múltiplas facetas da natureza humana, propiciando a integração de fragmentos, atualizando partes que pareciam não poder estar ali. Presentificam. Às vezes unem. Ou simplesmente constatam a ruptura, a quebra, a fragmentação e isso basta. Pois a magia do encontro, quando ele é uma verdadeira experiência, por si só, um dia une os cacos, reacende a esperança, fortalece, nomeia, enraíza, vincula. Os contos me ajudam a olhar para mim e para o ser humano à minha frente.

---

<sup>17</sup> Ibid, p. 29.

## 5. Histórias são como sementes: o ciclo da vida

Naquela manhã, depois do hospital, fiquei um tempo que me pareceu horas sentada à frente do que restava do velho Jequitibá.

Lembrei de quantas histórias eu contei, abraçada àquele tronco. E quantas respostas eu tive, quanta força, quanto amor recebi daquele ser velho e sábio! Quando enfim levantei, me despedi como sempre fazia e fui saindo do bosque. Sentia meu coração calmo, com um certo vazio, estranho até.

Triste ainda, pela esquisitice que era não mais ver aquela copa resplandecente acima da minha cabeça mas tranquila porque tinha vivido com ele tudo o que podia viver. Apressei o passo, lembrando das pessoas que me esperavam no consultório à tarde e do meu filho que chegaria para almoçar. Foi então que um pensamento súbito, uma voz interior, nitidamente me disse:

- Agora é você o jequitibá!

## 6. "Me ajuda a olhar!"

"Habemus TCC!".

Assim Giuliano respondeu carinhosamente, ao ler este artigo, não sem perguntar o que havia provocado em mim essa escrita.

Saí transformada. Não apenas coloquei no papel (sim, eu escrevo no papel, de preferência a lápis) o percurso dos últimos anos, como também o que aprendi com o próprio exercício da escrita, que nos obriga a refletir em cada palavra.

Estudei, li, reli, conversando comigo mesma, opinando sobre o que lia, num processo recursivo entre imagens externas e internas, que constrói mundos. O que se destaca, porém, é que, ao longo desse processo, me vi tomando posições, me vi refletindo sobre o lugar que ocupo, sobre o meu fazer e sobre o que penso da arte da palavra e da arte da escuta.

"Escrever é um ato de resistência". Alguém já disse isso e esta frase me ocorre agora. Escrever é um ato de resistência e isto, para mim, não é panfletário, é transformador. Um jeito de dizer: "estamos vivos! Somos ativistas sim! Criativos! E vamos resistir!".

Assim, aprendi que fazer da escuta ativa uma profissão também é um ato de resistência. Porque não são histórias inteiras, ordenadas e bem-escritas as que nos chegam diariamente na clínica; são fragmentos, possibilidades. O dito e o não-dito. `As vezes são construções sociais herdadas que se agarram como carrapatos, tomadas como possibilidade única de existir - e não são.

O lugar do terapeuta? Privilegiado lugar! É um lugar que está tão bem expresso nas palavras de Diego a seu pai, Santiago Kovadloff, no poema de Eduardo Galeano<sup>18</sup>, quando ele, o pai, o leva para ver o mar, pela primeira vez:

- Me ajuda a olhar!

---

<sup>18</sup> Poema "A função da arte/1", de Eduardo Galeano in: GALEANO, E. O Livro dos Abraços. 2 ed. Porto Alegre, L&PM, 2012, p. 15

"Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente dos seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- Me ajuda a olhar! "



## Bibliografia

BENJAMIN, Walter. MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONDÍA, Jorge Larrosa. NOTAS SOBRE A EXPERIÊNCIA E O SABER DA EXPERIÊNCIA. São Paulo, 2001. Conferência proferida no 1º Seminário Internacional de Educação de Campinas. Traduzida e publicada em julho de 2001, por Leituras SME.

GALEANO, Eduardo. O LIVRO DOS ABRAÇOS. Porto Alegre: L&PM, 2012.

HAN, Byung-Chul. SOCIEDADE DO CANSAÇO. Rio de Janeiro: Vozes, 2017

MACHADO, Regina. ACORDAIS. Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

PAMPLONA, Rosane. NOVAS HISTÓRIAS ANTIGAS. Contos. São Paulo: Brinque-Book, 2006.

SAFRA, Gilberto. DESVELANDO A MEMÓRIA DO HUMANO: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio. Edições Sobornost. São Paulo: Resposta Editorial, s/d.

TIERNO, Giuliano (org.). A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: abordagens poética, literária e performática. São Paulo: Ícone, 2010.